

TRÍDUO DE PREPARAÇÃO

CONVERSÃO DE SÃO PAULO

PADROEIRO DA ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO

A estrutura do tríduo é composta de uma **(I)** oração de abertura, **(II)** uma meditação bíblica sobre a conversão de Paulo **(III)** e uma oração conclusiva.

Para meditar a conversão de Paulo são propostas três passagens bíblicas: At 9,1-19; 22,4-21; 26, 1-23.

Cada meditação é estruturada da seguinte forma: um diálogo introdutório, a proclamação do texto e 4 tempos distintos **(1)** para a reflexão silenciosa, **(2)** para aprofundamento, **(3)** para ação de graças e **(4)** para súplicas.

Para auxiliar o aprofundamento são propostos alguns parágrafos das catequeses do Papa Bento XVI. Um trecho da Segunda Carta Pastoral conclui a meditação: trata-se de um enriquecimento dos temas que podem ser meditados.

A ação de graças e as súplicas são as partes “ativas” em que os participantes podem fazer suas preces de agradecimento e de súplicas.

Cada grupo e/ou comunidade pode enriquecer esse esquema, inserindo cantos e outras orações.

O presente esquema pode ser usado para preparar as pregações quando o tríduo estiver ligado à celebração da missa. Nesse caso, sugere-se que a primeira leitura dos dias 22, 23 e 24 de janeiro de 2013, sejam substituídas pelas leituras do presente esquema. Sugere-se também que as preces sejam inspiradas na meditação proposta.

Antes de começar, preparem-se:

- a “Chama Paulina” que pode ser uma vela grande, colocada no centro do ambiente ou do grupo;
- velas para cada participante.

I. Oração de Abertura (todos os dias)

✝ Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

D.: Estamos reunidos hoje não para refletir sobre uma história do passado e definitivamente ultrapassada. Paulo quer falar conosco aqui e agora. Acendemos a Chama Paulina para tomarmos consciência de que ele é nosso mestre na fé, apóstolo e propagador de Jesus Cristo e padroeiro de nossa Arquidiocese.

Acender a Chama Paulina – Canto adequado

T.: Ó São Paulo, Patrono de nossa Arquidiocese, discípulo e missionário de Jesus Cristo: ensina-nos a acolher a Palavra de Deus e abre nossos olhos à verdade do Evangelho. Conduze-nos ao encontro com Jesus, contagia-nos com a fé que te animou e infunde em nós coragem e ardor missionário, para testemunharmos a todos que Deus habita esta Cidade imensa e tem amor pelo seu povo! Intercede por nós e pela Igreja de São Paulo, ó santo apóstolo de Jesus Cristo!

D.: Ó Deus, que instruístes o mundo inteiro pela pregação do Apóstolo São Paulo, dai-nos, ao celebrar a sua conversão, caminhar para vós seguindo seus exemplos, e ser no mundo testemunhas do Evangelho. Por Nosso Senhor Jesus Cristo na Unidade do Espírito Santo.

T.: Amém.

II. MEDITAÇÃO DO 1º DIA – 22/01/2013

D.: Estamos reunidos para nos interrogar sobre o grande Apóstolo dos gentios. Não perguntamos apenas: Quem foi ou quem era Paulo? Perguntamos sobretudo: Quem é Paulo? O que ele me diz? Como ele se apresenta a mim?

L. 1: Na Carta aos Gálatas, Paulo faz uma bonita e muito pessoal profissão de fé. Nela, ele abre o seu coração para nós e revela qual é o motivo fundamental e mais íntimo da sua vida.

T.: Eu vivo, mas já não sou eu; é Cristo que vive em mim. A minha vida presente, na carne, eu a vivo na fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim (Gl 2,20).

L. 2: Para Paulo, a fé é a experiência de ser amado por Jesus de maneira muito pessoal: Cristo enfrentou a morte e deu a Sua vida não por algo anônimo, mas para Paulo. Cristo Ressuscitado continua amando Paulo e entregando-lhe a vida.

L. 1: A fé de Paulo é a experiência de ser atingido pelo amor de Jesus Cristo, um amor que o perturba profundamente e o transforma.

L. 2: A sua fé não é uma teoria, uma opinião sobre Deus e sobre o mundo. A sua fé é o impacto do amor de Deus sobre o seu coração. E assim esta mesma fé é amor por Jesus Cristo.

D.: Paulo é um homem combativo. De fato, no seu caminho de discípulo missionário teve que enfrentar muitas batalhas. Não procurou uma paz superficial e falsa. Na Primeira Carta aos Tessalonicenses, Paula fala de si mesmo:

T.: Apesar de maltratados e ultrajados, ousamos, confiados em nosso Deus, pregar-vos o Evangelho de Deus em meio de muitas lutas. Com efeito,

nunca usamos de adulação nem fomos levados por fins interesseiros. Deus é testemunha. Não buscamos glórias humanas (1Ts 2,2.5-6).

L. 1: A verdade para Paulo é demasiado grande para estar disposto a sacrificá-la em vista de um sucesso externo. Para ele, a verdade que tinha experimentado no encontro com o Ressuscitado merecia bem a luta, a perseguição, o sofrimento.

L. 2: Mas o que motiva Paulo no mais profundo do seu ser, era ser amado por Jesus Cristo e o desejo de transmitir aos outros este amor. Paulo era uma pessoa capaz de amar, e todo o seu agir e sofrer só se explica a partir deste centro.

D.: Ouçamos com atenção como aconteceu o encontro pessoal de Paulo com Jesus.

Leitura de At 9,1-19.

1. Tempo para reflexão silenciosa. Para favorecer a meditação da Palavra cada participante relê na sua Bíblia o texto proclamado. Se desejar, pode repetir em voz alta um versículo que lhe é significativo.

2. Tempo de aprofundamento. Para aprofundar, podem-se ler pausadamente todos ou alguns dos textos que se seguem.

O Senhor pergunta a Paulo: “Saulo, Saulo, porque me persegues?”. Paulo pergunta então: “Quem és, ó Senhor?”. E a resposta lhe é dada: “Eu sou Jesus que tu persegues” (At 9,4). Ao perseguir a Igreja, Paulo persegue o próprio Jesus: “Tu me persegues”.

Jesus se identifica com a Igreja num só sujeito. Nesta exclamação do Ressuscitado, que transformou a vida de Saulo, no fundo já está contida toda a doutrina sobre a Igreja como Corpo de Cristo.

Cristo não se retirou para o céu, deixando na terra uma multidão de seguidores que se ocupam da “sua causa”. A Igreja não é uma associação que pretende promover uma determinada causa.

A Igreja não luta por uma causa. A sua única causa é a pessoa de Jesus Cristo, que também como Ressuscitado permaneceu “carne”.

Jesus tem “carne e ossos” (Lc 24, 39), afirma o Ressuscitado em Lucas, diante dos discípulos que o tinham considerado um fantasma.

Ele tem um corpo. Está pessoalmente na sua Igreja, “Cabeça e Corpo” formam um único sujeito.

“Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo?”, escreve Paulo aos Coríntios (1Cor 6, 15). E acrescenta: assim como, segundo o Livro do Gênesis, o homem e a mulher se tornam uma só carne, assim Cristo com os seus se torna um só espírito, ou seja, um único sujeito no mundo novo da ressurreição (cf. 1Cor 6, 16ss).

Em tudo isto transparece o mistério eucarístico, no qual Cristo doa continuamente o seu Corpo e faz de nós seu Corpo: “O pão que partimos não é

comunhão do corpo de Cristo? Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão” (1Cor 10,16ss).

Diante do rosto de Cristo, esta palavra torna-se ao mesmo tempo um pedido urgente: reúne-nos a todos de qualquer divisão. Faz com que hoje se torne de novo realidade: há um só pão, por isso nós, mesmo sendo muitos, somos um só corpo.

Para Paulo a palavra sobre a Igreja como Corpo de Cristo não é uma comparação qualquer. Supera de muito uma comparação.

“Porque *Me* persegues?”. Cristo nos atrai continuamente para dentro do seu Corpo, edifica o seu Corpo a partir do centro eucarístico, que para Paulo é o centro da existência cristã, em virtude da qual todos, como também cada indivíduo pode experimentar de modo muito pessoal: ele me amou e se entregou a si mesmo por mim.

3. Tempo de ação de graças. Cada participante, a exemplo de Paulo, agradeça a Jesus o fato de Ele “me amar e se entregar a si mesmo por mim”.

4. Tempo de súplica. A exemplo de Paulo, cada participante exprima interiormente e comunitariamente o seu amor por Jesus, o seu desejo de crescer neste amor e de provar este amor através de obras e compromissos assumidos pessoalmente.

Senhor, aumentai a nossa fé

O encontro com Deus leva logo a perguntar: Senhor, o que queres de mim? O que devo fazer? Como devo viver? A fé se traduz numa resposta vital a Deus. Esta resposta se concretiza na adoração e no louvor a Deus, no reconhecimento da vontade de Deus e na obediência aos seus mandamentos; leva ainda a viver de forma digna de Deus, na retidão e honestidade, abandonando o pecado, os vícios e o que não fica bem para um filho de Deus; a fé nos aproxima de Deus e nos faz filhos e amigos de Deus; e nos leva a sermos colaboradores na obra de Deus. A fé precisa ser traduzida numa vida de fé, para agradar a Deus e para obter a salvação. Sem a fé, ninguém é tornado justo diante de Deus, nem se pode conseguir a vida eterna sem perseverar na fé até o fim (cf. Mt 10,22; 24,13). Mediante a vida na fé, começamos a degustar, desde agora, a luz e a alegria da vida eterna, que é a meta de nossa caminhada terrena. A fé é o começo da vida eterna, quando veremos Deus “face a face” (cf. 1Cor 13,12), tal como Ele é (cf. 1Jo 3,2). Mas durante esta vida ainda estamos sujeitos ao mal; a fé pode passar por muitas provas e até por períodos de obscuridade. E, então, é preciso perseverar, permanecendo firmes; Deus não nega sua ajuda a quem quer caminhar na fé. A vida na fé faz aparecerem as boas obras, como frutos da fé. Obras da fé são a prática fiel da religião, a vida coerente com a dignidade e o respeito que Deus merece; o amor ao próximo, a prática das virtudes humanas e cristãs e a colaboração generosa para a edificação da convivência humana, conforme Deus. Obra da fé é também o empenho missionário no testemunho cristão, alegre e corajoso, perante o mundo, e na transmissão da fé aos irmãos. Quem descobre o valor da fé cristã, não a retém só para si, mas procura ajudar outros a também

descobrirem esse tesouro. Obra grande da fé é ajudar outras pessoas a encontrarem Deus e a acolherem a luz da fé em suas vidas (Segunda Carta Pastoral de Dom Odilo Pedro Scherer, 2012, p. 11-12).

II. MEDITAÇÃO DO 2º DIA – 23/01/2013

D.: Meus irmãos e irmãs, hoje queremos ouvir o que São Paulo fala de sua própria conversão. Ouçamos primeiramente o que ele fala de si mesmo:

L. 1: “Eu sou judeu, nasci em Tarso da Cilícia, mas me criei nesta cidade (de Jerusalém), me instruí aos pés de Gamaliel, em toda a observância da lei de nossos pais; fui partidário entusiasta da causa de Deus (...)Eu persegui de morte essa doutrina, prendendo e metendo em cárceres homens e mulheres” (At 22,3-4).

T.: **Ó São Paulo, ensina-nos a acolher a Palavra de Deus e abre nossos olhos à verdade do Evangelho!**

L. 2: Paulo se preocupava ao máximo com a unidade do Povo de Deus. E foi exatamente por isso que ele perseguiu os cristãos. Ele via no cristianismo uma ameaça para a identidade do Povo da Aliança.

L. 1: “Certamente ouvistes falar de como outrora eu vivia no judaísmo, com que excesso perseguia a Igreja de Deus e a assolava; avantajava-me no judaísmo a tradições de meus pais” (Gl 1,13-14).

T.: **Ó São Paulo, conduze-nos ao encontro com Jesus!**

L. 2: Mas Paulo passou para a história mais por aquilo que fez como discípulo missionário de Jesus Cristo do que como fariseu.

L. 1: “Aproveu àquele que me reservou desde o seio de minha mãe me chamar pela sua graça, para revelar seu Filho em minha pessoa, a fim de que eu o tornasse conhecido entre os gentios” (Gl 1,15-16).

T.: **Ó São Paulo, contagia-nos com a fé que te animou!**

L. 2: Cheio de zelo pelo seu povo, Paulo usava de todos os meios para defender a identidade da fé de Israel. De perseguidor zeloso ele foi transformado em discípulo e missionário de Cristo.

L. 1: “Sou o menor dos apóstolos, e não sou digno de ser chamado apóstolo, porque persegui a Igreja de Deus. Mas, pela graça de Deus, sou o que sou, e a graça que ele me deu não tem sido inútil” (1Cor 15,9-10).

T.: **Ó São Paulo, infunde em nós coragem e ardor missionário, para testemunharmos a todos que Deus habita esta Cidade imensa e tem amor pelo seu povo!**

D.: Depois dessa apresentação que Paulo faz de si mesmo, ouçamos agora como ele próprio descreve a sua conversão.

Leitura de At 22,4-21.

1. Tempo para reflexão silenciosa. *Para favorecer a meditação da Palavra cada participante relê na sua Bíblia o texto proclamado. Se desejar, pode repetir em voz alta um versículo que lhe é significativo.*

2. Tempo de aprofundamento. *Para aprofundar, podem-se ler pausadamente todos ou alguns dos textos que se seguem.*

Quando Paulo encontrou o ressuscitado no caminho de Damasco era um homem realizado: irrepreensível em relação à justiça que provém da Lei (cf. Fl 3,6), superava muitos dos seus contemporâneos na observância das prescrições mosaicas e era zeloso na defesa das tradições dos padres (cf. Gl 1,14).

Mas a iluminação de Damasco mudou radicalmente a sua existência: começou a considerar todos os méritos, adquiridos numa carreira religiosa muito íntegra, como “lixo” face à sublimidade do conhecimento de Jesus Cristo (cf. Fl 3,8).

Paulo compreendeu que tudo o que tinha lucrado até então na realidade era, perante Deus, uma perda e por isso decidiu apostar toda a sua existência em Jesus Cristo (cf. Fl 3,7).

O tesouro escondido no campo e a pérola preciosa em cuja aquisição investir tudo o resto já não eram as obras da Lei, mas Jesus Cristo, o seu Senhor.

A relação entre Paulo e o Ressuscitado tornou-se tão profunda que o induziu a afirmar que Cristo não era apenas a sua vida mas o seu viver, a ponto que para o poder alcançar até morrer era um lucro (cf. Fl 1,21).

Ele não desprezava a vida, mas tinha compreendido que para ele o viver já não tinha outra finalidade e não sentia outro desejo a não ser o de alcançar Cristo, como numa competição atlética, para permanecer sempre com Ele: o Ressuscitado tinha-se tornado o início e o fim da sua existência, o motivo e a meta da sua corrida.

Se na precedente observância da Lei nada tinha para se reprovar sob o ponto de vista da integridade moral, uma vez alcançado por Cristo preferia não pronunciar juízos sobre si mesmo (cf. 1Cor 4,3-4), mas limitava-se a predispor-se a correr para conquistar Aquele pelo qual tinha sido conquistado (cf. Fl 3,12)

A fé é olhar Cristo, confiar-se a Cristo, apegar-se a Cristo, conformar-se com Cristo e com a sua vida. E a forma, a vida de Cristo, é o amor; portanto, acreditar é conformar-se com Cristo e entrar no seu amor. Por isso, São Paulo na Carta aos Gálatas, sobretudo na qual desenvolveu a sua doutrina sobre a justificação, fala da fé que age por meio da caridade (cf. Gl 5,14).

3. Tempo de ação de graças. *Cada participante, a exemplo de Paulo, agradeça a Jesus o fato de Ele “me ter destinado a conhecer os desígnios de Deus, a ver o Justo e a escutar a sua voz” (1Cor 22,14).*

4. Tempo de súplica. *A exemplo de Paulo, cada participante exprima interiormente e comunitariamente o seu desejo e compromisso de “ser testemunha do que viu e ouviu” (1Cor 22,15).*

Senhor, aumentai a nossa fé

Um dia, Jesus fez esta pergunta intrigante aos apóstolos: “O Filho do Homem, quando vier, ainda vai encontrar fé sobre a terra?” (Lc 18,8). A fé, se não é cultivada, pode esfriar e até se extinguir; e, então, a pessoa já não sente nada em relação a Deus, nem se importa em procurar Deus ou em seguir seus Mandamentos; cai no indiferentismo religioso e vai entrando pelo caminho da negação da fé. Quantas vezes ouvimos dizer que alguém “perdeu” a fé, ou abandonou” a fé”... A fé perdida deixa um vazio muito grande e faz falta na vida; esse vazio acaba sendo preenchido por outras coisas e ocupações, que vão tomando o lugar de Deus na vida das pessoas. A perda da fé não é, geralmente, um ponto de chegada, mas o início de um caminho que leva à idolatria ou à magia, pois o vazio de Deus precisa ser preenchido no coração humano. Ídolo é tudo aquilo que toma o lugar de Deus. Muitas vezes, o próprio homem quer tomar o lugar de Deus, proclamando-se o “deus” de si mesmo; esta tentação é tão antiga como a humanidade e, já no paraíso terrestre, Adão e Eva caíram nela: “sereis como Deus!” (cf. Gn 3,5). O abandono da fé em Deus é uma realidade preocupante. Vivemos um tempo de crise de fé, que se caracteriza pela superficialidade na adesão a Deus e às verdades da fé proclamadas pela Igreja; o subjetivismo leva facilmente as pessoas a escolherem o que mais gostam e traz mais vantagem, em vez daquilo que é “verdade”. Muitos não conhecem mais qual é a nossa fé, nem sabem explicar a si ou aos outros aquilo que faz parte da nossa fé; podemos falar de um analfabetismo religioso bastante comum. Há também a fé apenas vaga e superficial, que não é regularmente alimentada mediante a prática religiosa e a participação na vida da Igreja, onde a fé pode tornar-se esclarecida e forte. Há ainda o lamentável abandono da fé e da prática religiosa católica, a “migração” de religião para religião, sem aderir com convicção e firmeza a nenhuma. Isso acaba levando ao indiferentismo. Não é novidade e esses fatos sempre existiram; mas hoje preocupa a dimensão que esse fenômeno alcançou; a pergunta de Jesus manifesta a sua preocupação com relação ao esvaziamento e à perda da fé. Também hoje, isso não pode deixar tranqüilo a ninguém que tem fé firme e ama sua fé e a Igreja, zeladora, testemunha e transmissora da fé herdada dos Apóstolos. É por isso que celebramos o Ano da Fé, proclamado pelo Papa Bento XVI: é uma ocasião de ouro para uma nova tomada de consciência sobre a nossa fé, para o seu testemunho e proclamação pública e para intensificar a transmissão da fé aos outros. São Paulo fala dos “filhos na fé” (cf. 1Tm 1,2), que ele gerou para a fé em Cristo Jesus mediante o anúncio do Evangelho (cf. 1Cor 4,15). Quantos já ajudamos a “nascerem para a fé”? Seria muita pena se nós não transmitíssemos nossa fé aos outros, se esse tesouro precioso fosse enterrado conosco, sem que o tenhamos passado a outros... Seria a falência da missão da Igreja e a frustração da nossa vocação de discípulos de Jesus, enviados ao mundo como missionários para anunciar a Boa Nova a todos os povos, em todos os tempos (cf. Mt 28,19) (Segunda Carta Pastoral de Dom Odilo Pedro Scherer, 2012, p. 12 -14).

II. MEDITAÇÃO DO 3º DIA - 24/01/2013

D.: Meus irmãos e irmãs, mais uma vez nos reunimos para meditar sobre a conversão de S. Paulo, padroeiro de nossa Arquidiocese.

L. 1: O que aconteceu na visão de Damasco? O que provocou tamanha mudança na vida de Paulo?

L. 2: Quando ouvimos o relato da conversão de S. Paulo podemos nos limitar demasiadamente somente em alguns pormenores, como a luz do céu, a queda por terra, a voz que chama, a nova condição de cegueira, a cura e a perda da vista e o jejum.

L. 1: Mas todos estes pormenores se referem ao centro do acontecimento: Cristo ressuscitado mostra-se como uma luz maravilhosa e fala a Saulo, transforma o seu pensamento e a sua própria vida.

T.: Senhor, Filho de Davi, tem piedade de mim pecador!

L. 2: O esplendor do Ressuscitado o torna cego: o que acontece exteriormente a Paulo revela o que era a sua realidade interior, a sua cegueira em relação à verdade, à luz que é Cristo.

L. 1: E depois do seu "sim" definitivo a Cristo no batismo volta a abrir os seus olhos, faz com que ele realmente veja.

T.: Senhor, que nossos olhos se abram! (Mt 11, 33)

L. 2: Na Igreja antiga o batismo era chamado também "iluminação", porque este sacramento realça, faz ver realmente.

L. 1: Assim a iluminação espiritual batismal se manifesta fisicamente em Paulo. Ele é curado tanto da sua cegueira interior quanto da cegueira física.

T.: Eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida!

L. 2: São Paulo foi transformado não por um pensamento mas por um acontecimento, pela presença irresistível do Ressuscitado, da qual nunca poderá sucessivamente duvidar, dado que foi muito forte a evidência do acontecimento, deste encontro.

D.: Cristo ressuscitado mudou radicalmente a vida de Paulo. Este encontro é o centro da narração que vamos agora ouvir com atenção.

Leitura de At 26, 1-23.

1. Tempo para reflexão silenciosa. Para favorecer a meditação da Palavra cada participante relê na sua Bíblia o texto proclamado. Se desejar, pode repetir em voz alta um versículo que lhe é significativo.

2. Tempo de aprofundamento. Para aprofundar, podem-se ler pausadamente todos ou alguns dos textos que se seguem.

Quando Paulo fala da visão de Damasco, ele nunca usa a palavra conversão. De fato, Paulo nunca interpreta este momento como um fato de conversão. Porquê?

A mudança da sua vida, a transformação de todo o seu ser não foi fruto de um processo psicológico, de uma maturação ou evolução intelectual e moral, mas é

algo que vem de fora: não foi o fruto do seu pensamento, mas do encontro com Cristo Jesus.

Neste sentido não foi simplesmente uma conversão, uma maturação do seu "eu", mas foi morte e ressurreição para ele mesmo: morreu uma sua existência e outra nova nasceu com Cristo Ressuscitado.

De nenhum outro modo se pode explicar esta renovação de Paulo. Todas as análises psicológicas não podem esclarecer e resolver o problema.

Só o acontecimento, o encontro forte com Cristo, é a chave para compreender o que tinha acontecido: morte e ressurreição, renovação por parte d'Aquele que se tinha mostrado e tinha falado com ele.

Este encontro é uma renovação real que mudou todo os seus parâmetros. Agora pode dizer que o que antes era para ele essencial e fundamental, se tornou agora "lixo"; já não é "lucro", mas perda, porque agora só conta a vida em Cristo.

Contudo não devemos pensar que Paulo se tenha fechado num acontecimento cego. É verdade o contrário, porque Cristo Ressuscitado é a luz da verdade, a luz do próprio Deus.

Isto alargou o seu coração, tornou-o aberto a todos. Neste momento não perdeu o que havia de bom e verdadeiro na sua vida, na sua herança, mas compreendeu de modo novo a sabedoria, a verdade, a profundidade da lei e dos profetas, e delas se apropriou de modo novo.

Ao mesmo tempo, a sua razão abriu-se à sabedoria dos pagãos; tendo-se aberto a Cristo com todo o coração, tornou-se capaz de um diálogo amplo com todos, tornou-se capaz de se fazer tudo para todos. Assim podia ser realmente o apóstolo dos pagãos.

O que significa isto para nós? Significa que também para nós o cristianismo não é uma nova filosofia ou uma nova moral. Somos cristãos unicamente se encontramos Cristo.

Certamente Ele não se mostra a nós deste modo irresistível, luminoso, como fez com Paulo para fazer dele o apóstolo de todas as nações. Mas também nós podemos encontrar Cristo, na leitura da Sagrada Escritura, na oração, na vida litúrgica da Igreja.

Podemos tocar o coração de Cristo e sentir que Ele toca o nosso. Só nesta relação pessoal com Cristo, só neste encontro com o Ressuscitado nos tornamos realmente cristãos. E assim abre-se a nossa razão, abre-se toda a sabedoria de Cristo e toda a riqueza da verdade.

Portanto rezemos ao Senhor para que nos ilumine, para que nos doe no nosso mundo o encontro com a sua presença: e assim nos conceda uma fé viva, um coração aberto, uma grande caridade para todos, capaz de renovar o mundo.

3. Tempo de ação de graças. Cada participante agradeça a Jesus o fato de Ele "ter me nomeado servidor e testemunha de Cristo" (cf. At 26,16).

4. Tempo de súplica. A exemplo de Paulo, cada participante exprima interiormente e comunitariamente o seu desejo e compromisso de “abrir os olhos e de arrancar as pessoas das trevas para a luz” (cf. At 26,18).

Senhor, aumentai a nossa fé

Na primeira Carta de Pedro, o autor dá instruções aos que haviam aceitado o Evangelho com fé e tinham recebido o Batismo, exortando-os ao crescimento e à perseverança no caminho iniciado; e também lhes aconselha: “Estai sempre prontos a dar as razões da vossa esperança a todo aquele que vos pedir” (cf. 1Pd 3,15). Em outras palavras, Pedro encoraja os fiéis a compreenderem sempre melhor a própria fé, para explicar aos outros por que creem e “como” creem. Esta recomendação continua valendo ainda hoje para nós. Muitas pessoas são “frias” na fé e não vibram por aquilo que a Igreja crê, e que elas receberam no Batismo, talvez porque não conhecem a fé: só valorizamos e amamos aquilo que conhecemos. Por isso, a fé inicial precisa ser alimentada, para crescer, tornar-se robusta e produzir abundantes frutos de virtude e de vida cristã. Como dá para continuar crendo e praticando a fé, se ela nunca mais é alimentada? Talvez esteja aqui a explicação, por quê muitos fiéis católicos não conseguem responder a um questionamento ou provocação sobre a fé católica; e acabam deixando a fé e a Igreja. Como explicar o que não conhecemos, ou aprendemos de maneira equivocada? Como transmitir o que não amamos? O alimento da fé é a Palavra de Deus, anunciada e acolhida com coração aberto; mas, também, a caridade, a prática da virtude, a Liturgia, a oração pessoal e comunitária, mediante a qual cultivamos nossa familiaridade e amizade com Deus; sem conversa e freqüentação da pessoa amada, não cresce o amor e a amizade... Poderia crescer, florescer e frutificar uma planta sem receber água e cuidados? Sem oração, como poderia crescer a amizade com Deus e dar frutos a fé? A catequese está a serviço do crescimento e do amadurecimento da fé e da vida cristã. A catequese de iniciação à vida cristã acontece normalmente na infância e na adolescência; mas pode acontecer também na vida adulta. E há uma catequese que acompanha a vida inteira, pois o alimento espiritual não deve faltar ao longo de toda a vida. O Catecismo da Igreja Católica é um livro precioso, que todas as famílias deveriam ter em casa, junto com a Bíblia. Ele é indispensável para que as pessoas adultas continuem a estudar e a adquirir, ao longo da vida, uma fé robusta e esclarecida. O Papa Bento XVI recomenda que estudemos com intensidade o Catecismo da Igreja Católica. A leitura e o estudo do Catecismo da Igreja Católica também nos dá a possibilidade de resistir às muitas provas e contradições postas à fé e de afirmar, com São Paulo, com firmeza e consciência serena: “Eu sei em quem acreditei!” (2Tm 1,12). Por outro lado, o conhecimento melhor da fé, que a Igreja inteira professa, nos dá a percepção clara de que não estamos sozinhos e cremos com tantos outros, no mundo inteiro; que cremos como tantos outros creram e creem, inclusive santos e mártires, grandes missionários, teólogos, papas e bispos da Igreja, pessoas simples e ilustres, que creram antes de nós e continuam crendo ainda hoje. Somos fortes na fé quando estamos na comunidade de fé, que também conta com a companhia dos santos e da imensa multidão de irmãos de fé que, durante 20 séculos, cultivaram e testemunharam a fé da Igreja! Nossa fé não é desprezível nem se podem ter enganado todas essas pessoas! Sim, sabemos em quem acreditamos!

III. ORAÇÃO CONCLUSIVA – PARA TODOS OS DIAS

Os participantes acendem suas velas na “Chama Paulina” para fazer a profissão de fé. Começa invocando o Espírito Santo (hino *Veni Creator* ou outro).

D.: Irmãos e irmãs, o Apóstolo Paulo confessa: “para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Fl 1,21). E ele espera que nós também vivamos da mesma experiência de fé: “desejo ouvir que estais firmes em um só espírito, lutando unanimemente pela fé do Evangelho, sem vos deixardes intimidar em nada pelos vossos adversários. E é a vontade de Deus, porque a vós vos é dado não somente crer em Cristo, mas ainda por ele sofrer. Sustentais o mesmo combate que me tendes visto travar e no qual sabeis que eu continuo agora” (Fl 1,27-30). Com São Paulo, nosso Padroeiro, com os outros Apóstolos e em comunhão com todos os irmãos da Arquidiocese de S. Paulo, supliquemos:

T.: Creio, Senhor, mas aumentai minha fé! (pode ser cantado)

D.: Desde as suas origens, a Igreja entregava o Creio aos adultos, que se preparavam para o Batismo; depois de aprendê-lo de cor, em outra celebração, eles o professavam publicamente. A esses catecúmenos, Santo Agostinho exortava, dizendo: “O Símbolo do santo mistério reúne as palavras sobre as quais está edificada com solidez a fé da Igreja, nossa Mãe, apoiada no alicerce seguro, que é Cristo Senhor. Deveis trazê-lo sempre na mente e no coração; deveis repeti-lo nos vossos leitos, pensar nele nas praças e não o esquecer durante as refeições; e, mesmo quando o corpo dorme, o vosso coração continue acordado, por ele”. Com o Apóstolo Paulo, com os Apóstolos, os mártires, os santos e todos os cristãos e cristãs, nós também proclamamos:

T.: Creio, Senhor, mas aumentai minha fé!

D.: Neste Ano da Fé, o Papa Bento XVI nos convida a refletir sobre nossa fé e a compreender melhor seu conteúdo. Vamos usar o texto do Creio Nicenoconstantinopolitano. Ele é a Declaração de nossa fé católica. Ao longo deste Ano da Fé, vamos repeti-lo cada dia, especialmente na oração da manhã ou da tarde e, com a força do Espírito Santo, testemunhá-lo com nossos irmãos e irmãs com nossa própria vida. Em comunhão com toda a Igreja, professemos agora a nossa fé católica:

TODOS: Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso,/ criador do céu e da terra,/ de todas as coisas visíveis e invisíveis./ Creio em um só Senhor, Jesus Cristo,/ Filho Unigênito de Deus,/ nascido do Pai antes de todos os séculos:/ Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro,/ gerado, não criado, consubstancial ao Pai./ Por ele todas as coisas foram feitas./ E por nós, homens, e para a nossa salvação, desceu dos céus:/ e se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria e se fez homem./ Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos;/ padeceu e foi sepultado./ Ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras,/ e subiu aos céus, onde está sentado à direita do Pai./ E de novo há de vir, em sua glória,/ para julgar os vivos e os mortos;/ e o seu reino não terá fim./ Creio no Espírito Santo, Senhor que dá a vida,/ e procede do Pai e do Filho;/ e com o Pai e

o Filho é adorado e glorificado:/ ele, que falou pelos profetas./ Creio na Igreja, una, santa, católica e apostólica./ Professo um só batismo para a remissão dos pecados./ E espero a ressurreição dos mortos/ e a vida do mundo que há de vir./ Amém.

D.: Esta é a fé, que da Igreja recebemos e alegremente professamos, motivo de nossa esperança e alegria em Cristo Jesus, nosso Senhor!.

T.: AMÉM!

D.: Ó Deus, nosso Pai, concedei-nos a graça da fé firme num coração renovado, para vos reconhecermos como Deus vivo e verdadeiro, e Aquele que enviastes, Jesus Cristo. Guiados pelo Espírito Santo ao longo deste Ano da Fé, possamos progredir no caminho da fé com o coração repleto de alegria e ser para os outros, testemunhas do vosso amor, atraindo-os para vós. Por Cristo, nosso Senhor.

T.: AMÉM!